

Coidsa - a alegria de viver

A *coidsa* é a principal festa dos *Kulina*. Dura de dez a quinze dias. É o tempo de renovar as alianças, rever os parentes das aldeias distantes, fazer trocas, realizar casamentos e partilhar da alegria de viver. É uma festa de comemoração da vida, de demonstração da abundância e de partilha dos bens da comunidade. Transcrevemos abaixo um relato sobre a preparação da festa, seu auge e seu significado. *Essa relação foi feita por Roberto Zwetsch, missionário luterano, integrante do Cimi, que trabalha atualmente com os Kulina no Acre, juntamente com sua esposa Lori Altmann.*

Primero mulheres e homens fazem uma limpeza geral no terreiro da aldeia, preparando o lugar onde se realizará a festa. Depois, os homens vão ao mato para cortar o tronco que, devidamente escavado, servirá como cocho onde mais tarde será depositada a bebida feita da macaxeira cozida. Essa bebida os *Kulina* denominam *coidsa* — termo que se estende para a própria festa. O cocho é arrastado até o terreiro da aldeia e lá é colocado sobre estacas. Nestes preparativos a comunidade toda se reveza e participa com grande entusiasmo.

Os tuxauas enviam mensageiros às aldeias vizinhas para convidar o povo para as festividades. Sobem mensageiros para a aldeia de San Bernardo (no Peru) enquanto outros descem para a aldeia de Santo Amaro — ambas nas proximidades do Rio Purus. Após estas providências e uma vez que o cocho já se encontra no centro do terreiro, homens ou mulheres partem em grupos para colher a macaxeira nos roçados. De lá trazem muitos cestos carregados até a aldeia. Descascam, cozinham e depois colocam no cocho, que mede aproximadamente dez metros de comprimento por 70 cm de altura. Ai todo o povo

ajuda a buscar água no rio para colocar no cocho e deixam a bebida fermentar até o dia da chegada dos visitantes. Antes de beber, vários homens e mulheres coam a bebida para retirar todos os caroços de modo que fique apenas o caldo para ser bebido.

No dia da chegada dos visitantes já está tudo pronto. As danças já tiveram início há várias noites. Continuam ainda muitas noites após o auge da festa, que é a beberagem. Neste dia, os homens vão ao mato para se enfeitar com palhas de jarina e outras plantas, cocares de penas e algodão — alguns dos índios mais velhos ainda usam alguma peça de metal pendurada no septo nasal. Todos preparam um bastão que será importante na hora da beberagem e vomitório. Voltam ao terreiro da aldeia, em fila, gritando, imitando sons de animais do mato. As mulheres os aguardam junto ao cocho, com canecos, panelas e bacias nas mãos.

Após a dança ritual, ritmada com um canto em que os homens ficam frente a frente com as mulheres, afastando-se e aproximando-se, o grupo dos homens faz várias evoluções, aos gritos, em torno do cocho. Então as mulheres iniciam a beberagem, perseguindo os homens e



Aselino Ferreira

As mulheres participam com entusiasmo da principal festa do povo *Kulina*

oferecendo-lhes o seu recipiente repleto com a bebida. Cada homem deve beber o recipiente integralmente para, logo em seguida, vomitá-lo com a ajuda do bastão. Quando os homens já estão exaustos é a vez das mulheres. Da mesma forma como os homens, elas vão para o mato, enfeitam-se, voltam dançando e então os homens as servem. Em meio a tudo isto, as crianças lá estão: observando, rindo e correndo numa grande algazarra. Quando ninguém mais consegue beber, são os jovens de ambos os sexos que aproveitam o restante da bebida para tomar verdadeiros banhos, rolando no chão em jogos com evidente caráter erótico, enquanto os adultos observam com ares de aprovação.

Esta é uma breve descrição da festa *Kulina* mais importante. Ela ocorre geralmente no auge do verão (agosto/setembro). Está ligada ao tem-

po da plantação de novos roçados. É uma oportunidade privilegiada para o encontro entre os parentes das diversas aldeias. É o tempo para renovar alianças, fazer trocas, realizar casamentos, e para partilhar da alegria de viver.

A festa dura de dez a quinze dias. Durante este tempo, tanto os visitantes como os anfitriões saem todos os dias para caçadas ou pescarias coletivas. Assim, enquanto os homens providenciam o "rancho", as mulheres preparam macaxeira, mingau de banana, banana assada e todas as especialidades da culinária *kulina*. Todos comem e se fartam. As noites são reservadas para as danças e cantos. Sob a claridade da lua cheia o povo dança em círculo, puxado pelo canto dos pajés, os grandes conhecedores da música *kulina*. Essas festas, em toda a sua simplicidade, são um

testemunho de beleza e de resistência cultural.

A *coidsa* dos *Kulina* nos mostra duas coisas: primeiro, que a alegria de viver é a nota predominante deste povo. Por isso o povo reserva um tempo especial para comemorar a vontade de viver e de ser livre: segundo, que a festa é a comemoração e demonstração da abundância e da conseqüente partilha dos bens da comunidade. Uma comunidade ganha mais prestígio quanto mais puder oferecer aos seus visitantes. Daí por que se nota, inclusive, uma certa competição entre as aldeias, para ver quem organiza as melhores festas.

A reciprocidade, a partilha, como característica de ser desta comunidade indígena, significa que esta é uma sociedade organizada contra a acumulação de bens e, por extensão, uma sociedade que não procura lucros para alguns e miséria para os demais. Ou seja, trata-se de uma sociedade baseada na igualdade real dos seus membros, e que, portanto, impede deliberadamente o surgimento de oprimidos e opressores no seu meio. O preço por tal organização social é a baixa densidade populacional e um desenvolvimento precário dos meios de produção. Mas nada mais. Na verdade, temos aí uma sociedade que vive bem e sobretudo livre.

Diante da sociedade brasileira, este pequeno povo se vê oprimido e explorado. Daí por que luta para preservar sua especificidade cultural, defendendo seus direitos mais caros, como, por exemplo, a garantia de sua terra e de sua cultura, condições para sua existência como povo autônomo no contexto brasileiro.

Desmandos no Igarapé Preto

Os *Kulina* que vivem próximo ao Igarapé Preto estão com sérios problemas desde que a empresa seringalista Raimundo Chagas da Silva começou a interferir no seu cotidiano. A denúncia foi feita em junho pelo Cimi da Amazônia Ocidental, em um ofício enviado ao Departamento Geral do Patrimônio Indígena da Funai. Prostituição das mulheres indígenas, esgotamento das fontes de caça e pesca, exploração da força de trabalho, esbulho e abusos cometidos pelo barracão da enapre-

sa e o uso da força e coação são algumas das denúncias.

Após denunciar os desmandos da empresa seringalista, o Cimi da Amazônia Ocidental pediu a urgência na demarcação de uma área na bacia do Juruá, levando em conta a presença e a historicidade da ocupação dos *Kulina* em vários igarapés e rios. Reivindicou também que os indígenas sejam consultados quando a Funai enviar seus funcionários à região para fazer o levantamento da situação.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Paraná

Class.:

26

Data:

09/83

Pg.:

10